

## TEORIA QUEER E EDUCAÇÃO PARA UMA ABORDAGEM NÃO NORMALIZADORA

### TEORÍA QUEER Y EDUCACIÓN PARA UN ENFOQUE NO NORMALIZADORA

### QUEER THEORY AND EDUCATION TO APPROACH NOT NORMALIZING

Wendel Souza SANTOS<sup>1</sup>

**RESUMO:** A analítica queer comumente relacionada a estudos de gênero é uma abordagem conceitual recente. Este artigo objetiva principalmente trazer à tona essa perspectiva explorada na análise crítica do campo educacional. Portanto, o grande desafio na educação seja o de re- pensar o que seja educar, como educar e para quem educar. Em uma perspectiva não normalizadora, educar seria uma atividade dialógica em que as experiências até hoje inviabilizadas, não- reconhecidas, ou, mais comumente, violentadas, passassem a ser incorporadas no cotidiano escolar, modificando a hierarquia entre quem educa e quem é educado e buscando estabelecer mais simetria entre eles de forma a se passar da educação para um aprendizado relacional e transformador para ambos.

**PALAVRAS- CHAVE:** Diferença. Educação. Teoria queer. Identidade.

**RESUMEN:** *La analítica que quiera comúnmente relacionada con estudios de género es un enfoque conceptual reciente. Este artículo objetiva principalmente traer a la luz esa perspectiva explorada en el análisis crítico del campo educativo. Por lo tanto, el gran desafío en la educación es el de reflexionar lo que sea educar, cómo educar y para quien educar. En una perspectiva no normalizadora, educar sería una actividad dialógica en que las experiencias hasta hoy inviabilizadas, no reconocidas, o, más comúnmente, violadas, pasas a ser incorporadas en el cotidiano escolar, modificando la jerarquía entre quien educa y quien es educado y buscando establecer más simetría entre ellos para pasar de la educación a un aprendizaje relacional y transformador para ambos.*

**PALABRAS CLAVE:** *Diferencia. Educación. Teoría queer. Identidad.*

**ABSTRACT:** *Queer analytical commonly related to gender studies is a recent conceptual approach. This article aims mainly to bring out the prospect explored the critical analysis of the educational field. So the big challenge in education is to rethink what is educate, educate and educate and to whom. In a non-normalizing perspective, educate would be a dialogical activity in that the experiences to date unfeasible, non-recognized, or more commonly, raped, started to be incorporated into the school routine, changing the hierarchy between who teaches and who is educated and seeking establish more symmetry between them in order to move from education to a relational learning and transformative for both.*

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc), Ilhéus – BA - Brasil. Graduado pelo Departamento de Ciências da Educação. E-mail: wss181@hotmail.com.

**KEYWORDS:** *Difference. Education. Queer theory. Identity.*

## **Introdução**

Este artigo objetiva trazer à tona uma perspectiva crítica de análise diferença e educação explorada nos estudos organizacionais brasileiros, conhecida como teoria queer. Para tanto, realizou-se uma revisão bibliográfica sobre o tema, caracterizando este artigo como uma pesquisa qualitativa. Portanto, os principais conceitos e princípios relacionados às ideias contidas na teoria queer são apresentados, bem como as principais discussões entre essa teoria para o campo educacional.

Por meio de discursos e práticas é preciso colocar em questão a escola enquanto instituição que acaba por docilizar corpos em meio a relações de poder e saber. Assim, percebemos que frequentemente a escola abafa, se silencia sobre as questões que envolvem o corpo e suas identidades com expressões amplamente culturais. Situações como estas estão cada vez mais frequentes. Essas violações antes inviabilizadas, atualmente passam a ser muito questionadas por estudiosos pós- críticos e teóricos e teóricas queers.

Nesse contexto, percebemos que parcela significativa da violência contra homossexuais acontecem na escola, em meio a verbalizações, insultos e agressões. Sendo assim, torna-se visível o quanto no ambiente escolar, muitas vezes prevalece o controle e a vigilância sobre os corpos. Todos que não sintonizam o padrão heteronormativo no qual entende a heterossexualidade como norma natural, são tidos como “desviantes”.

O tema “gênero e sexualidade” geralmente nos fascina, nos provoca curiosidade e está por toda parte. Falar sobre o tema na escola costuma provocar discussões acaloradas e instigantes; mas, quando temos de encarar esses temas em nossa posição de educadoras e educadores, as coisas parecem se complicar (LOURO, 2011). Isso porque existe um vazio na escola ao falar sobre o assunto, no qual reflete no medo que os educadores sentem ao se falar de sexualidade.

A dificuldade parece residir no fato de que, usualmente, se associa (às vezes até se reduz) a sexualidade à natureza ou à biologia. E, quando se assume este modo de pensar, frequentemente, se supõe que a natureza e a biologia constituem uma espécie de domínio à parte, alguma coisa que ficaria fora da cultura [...]. É inegável que a forma como vivemos nossos prazeres e desejos, os arranjos, jogos e parcerias que inventamos para pôr em prática esses desejos envolvem corpos, linguagens, gestos, rituais que, efetivamente, são produzidos, marcados e feitos na cultura (LOURO, 2011, p. 64).

Nesse contexto, Judith Butler (2000, 2003) e a professora Guacira Lopes Louro (2001) são consideradas, após Michel Foucault (2009), como uma das precursoras da teoria *Queer* que vem ganhando expressiva discussão sobre corpo, gênero e sexualidade na contemporaneidade. Seus argumentos buscam refletir sobre a relação sexo/gênero com o objetivo de questionar a norma heterossexual, vista como um sistema de dominação masculina, ou seja, as autoras questionam posturas sexistas, principalmente no ambiente escolar.

Segundo Britzman (2000), a abordagem de corpo, gênero e sexualidade em sala de aula precisa instigar o desenvolvimento do exercício da curiosidade, fundamental para a realização da reflexão. A partir das questões colocadas, o professor deve assumir uma postura de crítica aos métodos educacionais atuantes e debater a sexualidade não como objeto pronto, mas em seu contexto histórico de formação e transformação, devendo ser estudada em suas relações com o cotidiano do estudante. Para Louro (2000), conformado na estreita divisão entre mente e corpo, o campo educacional frequentemente rejeita, abafa, desqualifica ou ressignifica os temas relativos à sexualidade. Hoje, tal como antes,

[...] a sexualidade permanece como alvo privilegiado da vigilância e do controle das sociedades. Ampliam-se e diversificam-se suas formas de regulação, multiplicam-se as instâncias e as instituições que se autorizam a ditar-lhe normas. (LOURO, 2008, p. 21).

Desse modo, Louro (1997, 2011), expressa sua inconformidade e desencanto em relação aos tradicionais arranjos sociais e políticos, às grandes teorias universais, ao vazio formalismo acadêmico, à discriminação, à segregação e ao silenciamento. Há muito tempo a autora vem estudando e trabalhando com essas questões. Ela demonstra consciência de que essas abordagens são muito importantes para quem trabalha no campo da Educação, muito especialmente para professores que lidam, cotidianamente, com crianças e adolescentes.

Sendo assim, trazemos para a reflexão o estudo sobre diferença e educação em uma abordagem pós- crítica, dando destaque para as ideias de desnormalizar e desnaturalizar os discursos normalizador sobre os corpos que tanto permeiam o ambiente escolar.

## **O pensamento queer e a proposta não normalizadora para educação**

A Teoria Queer emergiu nos Estados Unidos em fins da década de 1980, em oposição crítica aos estudos sociológicos sobre minorias sexuais e gênero. Teórica e

metodologicamente, os estudos queer surgiram do encontro entre uma corrente da Filosofia e dos Estudos Culturais norte-americanos com o pós-estruturalismo francês, que problematizou concepções clássicas de sujeito, identidade, agência e identificação. Para Miskolci (2009),

[...] central foi o rompimento com a concepção cartesiana (ou Iluminista) do sujeito como base de uma ontologia e de uma epistemologia. Ainda que haja variações entre os diversos autores, é possível afirmar que o sujeito no pós-estruturalismo é sempre encarado como provisório, circunstancial e cindido. Teóricos *queer* encontraram nas obras de Michel Foucault e Jacques Derrida conceitos e métodos para uma empreitada teórica mais ambiciosa do que a empreendida até então pelas ciências sociais. De forma geral, as duas obras filosóficas que forneceram suas bases foram *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber* (1976) e *Gramatologia* (1967), ambas publicadas em inglês na segunda metade da década de 1970. (MISKOLCI, 2009, p. 150).

A aproximação entre a Teoria Queer e o campo da educação já vem anunciada em trabalhos como os de Louro (2001, 2004) e Miskolci (2009, 2012), entre outros, no qual vem desenvolvendo esse campo teórico no Brasil. Com as reflexões de Michel Foucault (2009) sobre a sexualidade, os pensadores e pensadoras queers interpretam a homossexualidade e a heterossexualidade como construções históricas e sociais, logo, como noções que podem e devem ser repensadas e modificadas. Nesse sentido, a teoria *queer* desenvolveu uma crítica contundente contra as premissas naturalizantes usadas pelo conservadorismo para justificar e legitimar a discriminação e a heteronormatividade. Então, muitas vezes aquilo que dizemos ou pensamos sobre o que é feminino ou masculino remete a um olhar somente para aspectos biológicos, “assim não podemos estar sujeitos à linguagem, a seus equívocos e a sua opacidade” (ORLANDI, 2005 p. 9).

Vale assinalar que a teoria queer não se resume a uma luta ligada à sexualidade; ela se volta também para um combate contra falsos valores que são usados como justificativas para a discriminação. Trata-se de uma luta que envolve não apenas gays e sim todos os que são vistos como impossibilitados de fazerem parte da escala da normalidade.

Segundo Miskolci (2012), a problemática quer não é exatamente a da homossexualidade, mas da abjeção. Esse termo, “abjeção”, se refere ao espaço a que a coletividade costuma relegar aqueles e aquelas que consideram uma ameaça ao seu bom funcionamento, à ordem social e política. O abjeto não é simplesmente o que ameaça a saúde coletiva ou a visão de pureza que delinea o social, mas, antes, o que perturba a identidade, o sistema, a ordem. A abjeção, em termos sociais, constitui a experiência de ser temido e recusado com repugnância, pois sua própria existência ameaça uma visão homogênea e estável do que é a comunidade.

Algo muito diverso se passa quando surgem movimentos queer, se pautarão menos pela demanda de aceitação ou incorporação coletiva e focarão mais na crítica às exigências sociais, aos valores, às convenções culturais como força autoritárias e preconceituosas. (MISKOLCI, 2012, p. 25).

O queer busca tornar visível as injustiças e violências implicadas na disseminação e na demanda do cumprimento das normas e das convenções culturais, violências e injustiças envolvidas tanto na criação da figura do abjeto. Desse modo, torna-se compreensível que o modo distorcido de encarar as diferenças tem gerado, historicamente, sérios processos de exclusão no campo educacional. Percebemos, ao longo de nossas experiências educacionais o quanto essa instituição não apenas transmite ou constrói conhecimento, mais fabrica sujeitos, suas identidades em meio a relações de poder, tornando este, um espaço disciplinar e normalizador.

Sendo assim, a sexualidade encontra-se, portanto, sujeita ao discurso de uma pedagogia tradicional que se encarrega de “reproduzir tipos específicos de comportamentos, valores, hábitos, atitudes pessoais conectados com o tipo de sociedade na qual os indivíduos estão inseridos” (MENEZES, 2012, p 12). Nesse sentido, percebemos o discurso fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico. Por esse viés de estudo se pode conhecer melhor o ato de significar e significar-se (ORLANDI, 2005). Deste modo, trata-se de uma forma de regulação social que tem funcionado no sentido de manter tipos de regulação social, como também manter espaços de segregação de gênero e sexualidade em meio a relações de poder.

Segundo Butler (2000), a diferença sexual é frequentemente evocada como uma questão referente a diferenças materiais, ou seja, aquilo que existe e é classificado como masculino ou feminino. No entanto,

A diferença sexual, entretanto, não é, nunca, simplesmente, uma função de diferenças materiais que não sejam, de alguma forma, simultaneamente marcadas e formadas por práticas discursivas. Além disso, afirmar que as diferenças sexuais são indissociáveis de uma demarcação discursiva não é a mesma coisa que afirmar que o discurso causa a diferença sexual. A categoria do "sexo" é, desde o início, normativa: ela é aquilo que Foucault chamou de "ideal regulatório". Nesse sentido, pois, o "sexo" não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, isto é, toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir — demarcar, fazer, circular, diferenciar — os corpos que ela controla. Assim, o "sexo" é um ideal regulatório cuja materialização é imposta: esta materialização ocorre (ou deixa de ocorrer) através de certas práticas altamente reguladas. (BUTLER, 2000, p. 111).

De outro modo, Butler (2000) diz que o "sexo" é um constructo ideal que é forçosamente materializado através do tempo. Assim, o sexo não é um simples fato ou a condição estática de um corpo, mas um processo pelo qual as normas regulatórias materializam o "sexo" e produzem essa materialização através de uma reiteração forçada destas normas que ditam regras, que se produzem e reproduzem em discursos. O fato de que essa reiteração seja necessária é um sinal de que a materialização não é nunca totalmente completa, que os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta. Na verdade, são as instabilidades, as possibilidades de rematerialização, abertas por esse processo, que marcam um domínio no qual a força da lei regulatória pode se voltar contra ela mesma para gerar rearticulações que colocam em questão a força hegemônica daquela mesma lei regulatória que se construiu ao longo do tempo (BUTLER, 2000).

Sendo assim, existe nessas relações de gênero uma diferença simbólica e material, com efeitos de mascarar as identidades e culturas diversas. Contudo, as diversidades tornam-se problemas ao invés de oportunidades para produzir saberes. Isso porque a escola está inserida em meio a relações de poder e muitas vezes apagam as oportunidades que lhe são constitutivas, visto que o modelo instituído, na maioria, não considera as singularidades e as diversidades expressas nas subjetividades entre os envolvidos no ambiente educacional.

Percebemos que por um longo período, o processo de formação de professores se restringiu ao campo das denominadas disciplinas clássicas, cujo objetivo era a adaptação dos indivíduos às necessidades da sociedade, independentemente da sua história particular e cultural. Com isso, uma educação tradicionalista contribui para a repetição de discursos dominantes, de diferentes maneiras, às vezes, de modo imperceptível; distorcendo conhecimentos, desvalorizando crenças e veiculando imagens negativas.

Verificamos na literatura sobre o tema, que, ao longo de sua história, a educação brasileira estrutura-se a partir de discursos que reverberam em dizeres cotidianos fortemente tributários de um conjunto dinâmico de valores, normas e crenças responsável por reduzir à figura do "outro" (considerado "estranho", "inferior", "pecador", "doente", "pervertido", "criminoso" ou "contagioso") todos aqueles e aquelas que não se sintonizassem com o único componente valorizado pela heteronormatividade e pelos arsenais multifariamente a ela ligados – centrados no adulto, masculino, branco, heterossexual, burguês, física e mentalmente "normal" (LOURO, 2000).

Portanto, percebemos na abordagem pós- crítica que o gênero se constrói por meio de discursos que possui um suporte histórico e institucional, que permite ou proíbe sua

realização. Isso significa que sua definição – discursiva, linguística e documental - está sujeita a vetores de força, a relações de poder (FOUCAULT, 2008).

Diante disso, nessa discussão, a tentativa queer é colocar em questão os equívocos sobre corpo, gênero e sexualidade para (re)definir, (des)naturalizar as vozes discursivas construídas através do tecido narrativo de uma “pedagogia de equívocos” sobre o que é ser feminino ou masculino. Neste contexto, Guacira Lopes Louro (1997) se volta especialmente para as práticas cotidianas, rotineiras e comuns. Entende que são precisamente os gestos e as palavras banalizados que devem se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e de desconfiança. A tarefa mais urgente seria desconfiar do que é tomado como "natural". Desta forma, currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos e processos de avaliação são colocados em questão.

### **Diferença e educação: uma análise**

Os processos de docilização de corpos na escola muitas vezes acontecem por do controle de: comportamentos, falas, gestos, condutas, posturas, horários, repreensões, discursos, omissões, atitudes; cobrança de tarefas e exercícios entre outros. Esse processo de disciplinamento do aluno, também reflete nas dimensões de gênero e sexualidade. Isso reflete em relações de poder que instituem de onde se fala, quem fala e de quem se fala (FONSECA, 2011). Em decorrência disso, o movimento feminista e a teoria queer destaca-se nos estudos sobre gênero com a ideia de (des)construção e (des)naturalização com o objetivo de mitigar as desigualdades que se permeia sobre as identidades de sexo. Segundo Louro,

Muitos consideram que a sexualidade é algo que todos nós, mulheres e homens, possuímos naturalmente. Aceitando essa ideia, fica sem sentido argumentar a respeito de sua dimensão social e política ou a respeito de seu caráter construído. A sexualidade seria algo "dado" pela natureza, inerente ao ser humano. Tal concepção usualmente se ancora no corpo e na suposição de que todos vivemos nossos corpos, universalmente, da mesma forma. No entanto, podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... (LOURO, 2000, p. 6).

Nessa perspectiva, Louro (2000) mostra os corpos envolvidos por processos profundamente culturais e plurais. Segundo Louro (2000), os corpos ganham sentido socialmente. As possibilidades da sexualidade das formas de expressar os desejos e prazeres também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas, principalmente no ambiente

escolar. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade (LOURO, 2000).

Nesse contexto, corpo gênero e sexualidade na educação, acabam por gerar certos limites. A instituição escolar se desenvolve em meio a relações de poder e saber, isso supõe forças maiores em um regime de segregação ao falar do assunto. A dificuldade se encontra, pois, existe certa tendência em estudar a compreensão do termo “sexo” somente como algo biológico, esquecendo assim das representações sociais e individualidades dos sujeitos. Compreender-se como sujeito de uma sexualidade equivaleria a uma construção que não seria simplesmente fruto de, digamos, um projeto individual, mas da internalização das categorias do discurso na escola, que também, e principalmente, produz de forma muito peculiar seus objetos. O problema da sexualidade se transforma na descrição de modos de produção de corpos, histórias e identidades a partir das categorias de um discurso social fortemente normativo.

Assim, recentemente, mesmo sexualidade compreendida como um traço cultural, a escola frequentemente rejeita e marginaliza essas temáticas que são fundamentais na vida dos seres humanos, sendo debatida e contestada em estudos que se intensificam. Os pós-estruturalistas que, fundamentados na obra de Michel Foucault, desenvolvem fortes críticas à distinção sexo-gênero, sob o argumento de que a própria construção do caráter natural do sexo, da natureza sexuada precedente à cultura, caracteriza mecanismos instituídos social e culturalmente para a manutenção da estrutura binária, hierarquizada e subordinadora entre os gêneros (BUTLER, 2003). Na educação, o professor utiliza-se de métodos para se disciplinarizar e adequar-se ao padrão da escola. Esta disciplinarização passa, sobretudo, pelo corpo. O corpo é o local em que demonstramos nosso autocontrole, transformando-se em um lugar de informação, portanto, é o primeiro a ser disciplinarizado. Daí, tanto investimento para dominar o corpo. Mantê-lo sobre controle pode significar torná-lo mais útil ou formatá-lo ao que se espera (FONSECA, 2011).

Ademais, a abordagem da escola enquanto uma instituição disciplinar, segundo a interpretação de Michel Foucault, oferecia o respaldo de trabalhar com um construto teórico largamente utilizado em pesquisas para abordar sexualidade como práticas disciplinares de docilização de corpos (WEEKS, 2000). Michel Foucault em "Vigiar e Punir" critica as instituições que acabam por controlar o comportamento das pessoas, entre elas a escola.

Sendo assim, as relações de gênero e corpo na escola desenvolvem delimitações e dicotomias. É preciso tentar (des)naturalizar essas relações e construir novas formas de pensar, principalmente no âmbito educacional, espaço este privilegiado para desenvolver uma



nova mentalidade. As justificativas em incluir na reflexão sobre corpo, gênero, sexualidade um olhar para a escola se deu devido à observação constante de como se desenvolve essas relações no cotidiano. Frequentemente observamos homossexuais jovens sendo agredidos verbalmente do tipo: “veado; bicha, gayzinho”.

São inúmeras situações no ambiente escolar que remetem a uma discriminação exorbitante para todos aqueles que não sintonizam o padrão heteronormativo. Nesse contexto, é necessário que no campo da educação falemos de educação e diferença, pois elas dizem respeito ao aprendizado da convivência social cidadã e democrática, além de possuírem um papel estratégico na promoção da igualdade de oportunidades, na inclusão e na integração social” (JUNQUEIRA, 2007, p. 59). Infelizmente, a escola muitas vezes configura-se um lugar de opressão, discriminação e preconceitos, no qual e em torno do qual existe um preocupante quadro de violência a que estão submetidos (as) milhões de jovens e adultos LGBTs - muitos dos quais vivem de maneiras distintas, situações delicadas e vulneradoras de internalização da homofobia, negação, auto culpabilização, auto aversão (MENEZES, 2012). Para reforçar nossas análises críticas e reflexivas, recorreremos a Miskolci (2009), ao se referir a Foucault (2009) em “História da Sexualidade” diz que:

Em outras palavras, o filósofo afirmou que a sexualidade não é proibida, antes produzida por meio de discursos. Ao expor e analisar a invenção do homossexual, ele mostrou que identidades sociais são efeitos da forma como o conhecimento é organizado e que tal produção social de identidades é “naturalizada” nos saberes dominantes. A sexualidade tornou-se objeto de sexólogos, psiquiatras, psicanalistas, educadores, de forma a ser descrita e, ao mesmo tempo, regulada, saneada, normalizada por meio da delimitação de suas formas em aceitáveis e perversas. Daí a importância daquelas invenções do século XIX, a homossexualidade e o sujeito homossexual, para os processos sociais de regulação e normalização. (MISKOLCI, 2009, p. 153).

No bojo dessas discussões,

Estudiosas/os feministas vêm, já há alguns anos, colocando essas questões, ao mesmo tempo em que sugerem fórmulas não sexistas de tratamento. No entanto, se em algumas sociedades seus esforços estão sendo acolhidos e incorporados, em outras são ainda menosprezados ou ridicularizados. (LOURO, 1997, p. 67).

Nesse contexto, Guacira Lopes Louro faz uma crítica quando olhamos o corpo de modo biologizante, por conseguinte a autora situa esses reflexos no campo educacional:

[...] Os sujeitos que, por alguma razão ou circunstância, escapam da norma e promovem uma descontinuidade na sequência sexo/ gênero/sexualidade serão tomados como minoria e serão colocados à margem das preocupações de um currículo ou de uma educação que se pretenda para a maioria. (LOURO, 2000, p. 6).

Nesse contexto, percebemos as relações de gênero acaba por privilegiar uns em distinção a outros. Desse modo, Guacira Lopes Louro (1997, 2000, 2011) aborda as relações de gênero como construção social e enfatiza as mudanças ocorridas ao longo do tempo, convidando educadoras e educadores para que assumam essas mutações que os confrontam, como mola propulsora para discutir ideias como a de tolerância e aceitação da diferença, com o intuito de (des)naturalizar posturas sexistas. Em crítica:

Se temos um padrão moderno de escola, também temos padrões de aluno, professor e de formação que esta instituição espera. Ao se esperar esta normalidade, tenta-se estabelecer o sentido desse modelo disciplinar: disciplinarizar o corpo, o comportamento e atitudes dos envolvidos no ambiente escolar. (FONSECA, 2011, p. 47).

Portanto, como instituição implicada na construção dos sujeitos, essa escola também vai agir sobre as subjetividades dos seus envolvidos. Logo, urge a proposta de uma educação voltada à diversidade que constantemente questione entre os educadores, o grande desafio de buscar um saber crítico sobre essas temáticas, para assim, interpreta- lá e operacionalizar transformações. Desse modo, Guacira Lopes Louro (1997, 2000, 2003) aborda corpo, gênero e sexualidade como construção social e enfatiza as mudanças ocorridas ao longo do tempo, convidando educadoras e educadores para que assumam essas mutações que os confrontam, como mola propulsora para discutir ideias como a de tolerância e aceitação da diferença, com o intuito de refletir sobre os currículos e a prática pedagógica.

### **Considerações finais**

O queer, portanto, não é uma defesa da homossexualidade, é a recusa dos valores morais violentos que instituem e fazem valer a linha da abjeção, essa fronteira rígida entre os que são socialmente aceitos e os que são relegados à humilhação e o desprezo coletivo. Assim, em uma abordagem crítica e analítica, percebemos, no contexto dos estudos pós-críticos da teoria queer a proposta de compreensão sobre gênero e sexualidade, para assim propor operacionalizar transformações no ambiente educacional. Esta sensibilidade queer que

nos faz refletir sobre o sujeito contemporâneo ocidental como uma construção que para legitimar-se e enquadrar-se, afasta-se de determinadas identidades opostas à construída.

A teoria queer se consolida como corrente intelectual, tendo como uma das fontes filosóficas principais as reflexões de Michel Foucault sobre a sexualidade. Os (as) queers interpretam a homossexualidade e a heterossexualidade como construções históricas e sociais, logo, como noções que podem e devem ser repensadas e modificadas.

Nesse sentido, a teoria queer desenvolve uma crítica contundente contra as premissas naturalizantes usadas pelo conservadorismo para justificar e legitimar a discriminação e a heteronormatividade. Vale assinalar que a teoria queer não se resume a uma luta ligada à sexualidade; ela se volta também para um combate contra falsos valores que são usados como justificativas para a discriminação. Trata-se de uma luta que envolve não apenas gays e sim todos os que são vistos como impossibilitados de fazerem parte da escala da normalidade. Essa teoria precisa ter também impacto nas formas pedagógicas e nas críticas ao sistema de formação nas escolas. Não basta mais que a criança ou o adolescente possa ter o domínio de um acervo de informações e ser também levado a construir preciosas habilidades lógicas. É preciso, antes de tudo, auxiliar e mesmo promover formas de vivência da individualidade e da sociabilidade, para que bases morais e éticas possam ser repensadas e constituídas por meio de uma experiência vivida condizente com as expectativas da dignidade humana de cada um.

Sendo a sexualidade e gênero entendida como uma construção social, histórica e cultural, sente-se a necessidade de ser discutida no espaço escolar, principalmente - espaço privilegiado para o tratamento pedagógico desse desafio educacional contemporâneo, no sentido de problematizar objetivos e práticas e, conjuntamente, caminhar buscando superar limites e efetivar uma proposta de formação comprometida para com a temática.

Logo, urge uma formação continuada de professores sobre sexualidade e suas temáticas, pois serão esses professores que irão ser desafiados a acolher e dar algum encaminhamento às dúvidas, às perguntas e às situações que essas crianças e jovens constantemente nos colocam.

Em crítica, Louro (2001) diz que nos dois últimos séculos, corpo, gênero e sexualidade tornou-se objeto educadores, passando a se constituir, efetivamente, numa questão vigilância. Desde então, ela vem sendo descrita, compreendida, explicada, regulada, saneada, educada, normatizada, a partir das mais diversas perspectivas de poder.

Ao focar gênero e sexualidade como uma categoria de análise, é necessário revê as teorias construídas e propor um pensamento, que analise a

fundo as representações sociais e escape dos argumentos biológicos e culturais da desigualdade, os quais sempre têm o masculino como ponto referencial. O exercício que se propõe aqui é um rompimento com pensamento dicotômico: feminino em oposição ao masculino; razão/sentimento; teoria/prática; público/privado, etc. Os sujeitos que constituem a dicotomia não são, de fato, apenas homens e mulheres, mas homens e mulheres de diferentes classes, raças, religiões, idades, etc., e suas solidariedades e antagonismos podem provocar os arranjos mais diversos perturbando a noção simplista e reduzida de homem dominante e mulher dominada. (LOURO, 1997, p. 8).

Cabe ressaltar, com base na literatura pesquisa, que os limites se tornam ainda maiores quando o tema central das discussões é a homossexualidade, que apesar de tantos avanços na educação em se discutir assuntos relacionados à sexualidade de forma mais clara e precisa, ainda é um tema marginal, considerado, por vezes, polêmico e complexo demais para a escola.

[...] por um lado, alguns setores sociais passam a demonstrar uma crescente aceitação da pluralidade sexual e, até mesmo, passam a consumir alguns de seus produtos culturais; por outro lado, setores tradicionais renovam (e recrudescem) seus ataques, realizando desde campanhas de retomada dos valores tradicionais da família até manifestações de extrema agressão e violência física. (LOURO, 2001, p. 542).

Além disso, percebemos que muitos educadores acabam se sentindo inseguros e sem embasamento teórico para discutir tais questões, além de não terem a ampla formação que assegure a abordagem efetiva na escola, como também nas universidades e demais ambientes educativos. A pesquisa realizada apontou para o conflito que existe entre gênero, corpo e educação. Os estudos pós- críticos queers vêm nos alertar para este fato, buscando repensar o papel da educação na tentativa de (des)naturalizar as relações de gênero. Portanto, a educação deve trabalhar em prol da formação de identidades abertas a esta pluralidade cultural, desafiadoras de preconceitos, numa perspectiva de educação para a cidadania, para a paz, para a ética nas relações interpessoais. Em uma perspectiva queer, a educação pode evitar, ou pelo menos contribuir, para que todos, quaisquer que sejam as suas decisões sobre as suas relações amorosas e sexuais, não adotem irrefletidamente preconceitos por meio da adesão a modelos comportamentais.

## REFERÊNCIAS

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2 ed. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 83- 112.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo" In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2.ed. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 110- 127.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FERRARI, Anderson. Reflexões Sobre a Homofobia na Escola. In: CASAGRANDE, L. S; CARVALHO, M.G; LUZ, N.S (Orgs.). **Igualdade de gênero: enfrentando a homofobia**.1. ed. Curitiba: UTFPR, 2011.

FONSECA, Thomaz Spartacus Martins. **Quem é o professor homem dos anos iniciais? Discursos, representações e relações de gênero**. 2011, 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7 ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade In: **A vontade de saber**. 19. ed. Tradução de Maria Tereza da Costa Alburquerque e J. A. GuilhonAlburquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. O reconhecimento da diversidade sexual e a problematização da homofobia no contexto escolar. In: RIBEIRO, P.C. (Org). **Corpo, gênero e sexualidade: discutindo práticas educativas**. Rio Grande: Editora da FURG, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. **Revista brasileira de pesquisa sobre formação docente**. v. 3, n. 2, jan./jul., 2011.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2 (56), maio/ago., 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2.ed. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer - uma política pós-identitária para a educação. **Estudos Feministas**. Ano 9(2), 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Um Corpo Estranho: Ensaios Sobre Sexualidade e Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 96 p.

LOURO, Guacira Lopes.; NECKEL, Jane Felipe.; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. 191 p.

MENEZES, Marcelo Lima de. **Educando para diversidade**: uma questão de direitos. Sergipe: J. Andrade, 2012.

MISKOLCI, R. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, n. 21, p. 150-182, jan./jun., 2009.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Ouro Preto: Autêntica, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2.ed. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 35-82.

### Como referenciar este artigo

SANTOS, Wendel Souza. Teoria queer e educação para uma abordagem não normalizadora. **Rev. Sem Aspas**, Araraquara, v.6, n.2, p. 183-196, jul./dez., 2017. E-ISSN: 2358-4238.

**Submetido em:** 23/11/2015

**Revisões requeridas:** 10/08/2016

**Aprovado em:** 30/11/2017